

METONÍMIA: UMA VISÃO COGNITIVA E FUNCIONAL

Antônio Suárez Abreu - UNESP - USP

Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever a metonímia como um fenômeno basicamente cognitivo, dentro de um modelo gestáltico. Procura também descrever suas situações de uso na denominação e nas construções discursivas, envolvendo processos de anáfora e atos indiretos de fala. Discute também seus aspectos estilísticos e retóricos, levando em conta a manipulação, em processos semióticos mais gerais.

Palavras-chave: Metonímia; Lingüística Cognitiva; Lingüística Funcional; Gestalt; Retórica, Estilo.

Abstract

This paper has the aim of describing metonymy as a basically cognitive phenomenon through a gestaltic model. It further intends to describe situations of use in denominations and discursive constructions involving anaphoric processes and indirect speech acts. It also discusses its stylistic and rhetorical aspects accounting for manipulation within more general semiotic processes.

Keywords: Metonymy; Cognitive Linguistics; Functional Linguistics; Gestalt; Rhetoric; Style.

A metonímia é classificada, por tradição, como uma figura de linguagem, mais especificamente como uma figura de palavra, ao lado da metáfora. A preocupação daqueles que a estudaram dentro da tradição estilística ou retórica consiste, quase sempre, em tentar distingui-la da sinédoque, fornecendo uma exemplificação ambígua, muitas vezes. A metonímia se parece, então, com o Proteu dos gregos, aquele deus posto por Zeus como guardador dos rebanhos do mar que mudava constantemente de forma, a menos que fosse imobilizado em pleno sono. Minha preocupação não é imobilizar a metonímia. Ao contrário, é deixá-la mover-se em diferentes textos e em

diferentes situações para poder melhor estudá-la, dizer-lhe as funções.

Vou entender como metonímia, neste artigo, tanto o continente pelo conteúdo, o autor pela obra, o lugar pela instituição etc., quanto a parte pelo todo, que é o espaço tradicionalmente destinado à sinédoque. Pretendo demonstrar que tudo isso está ligado a um mesmo processo cognitivo. Pretendo depois, falar um pouco a respeito dos usos dessa figura.

Principio dizendo que concordo com Gibbs Jr.⁴⁸, quando diz que a metonímia é uma parte fundamental do nosso sistema de conceptualização. Comentando exemplos como: *Washington has started negotiation with Moscow.*

The White House isn't saying anything.

Wall Street is in a panic.

diz ele que:

*These examples are not arbitrary single expressions but reflect the general cognitive principle of metonymy, where people use one well-understood aspect of something to stand for the thing as a whole or for some other aspect of it. All of the expressions above relate to the general principle by which a place may stand for an institution located as that place.*⁴⁹

Metonímia e denominação

Uma primeira pergunta a ser feita sobre o assunto poderia ser: qual o motivo que nos leva, às vezes, a denominar alguma coisa por uma de suas partes ou por algum aspecto ligado a ela? Uma resposta plausível é que costumamos ver algumas partes de um todo como mais representativas desse todo. Quando vemos um boi, achamos que sua parte mais representativa é a cabeça, onde estão os chifres. Por esse motivo é que falamos em *cabeças de gado*, em *vender ou comprar cabeças de gado*. Em outras palavras, podemos dizer que a parte mais prototípica de um boi é a sua cabeça.

⁴⁸ Raymond GIBBS JR, *The Poetics of Mind*, p. 319.

⁴⁹ Raymond GIBBS JR, *The Poetics of Mind*, p. 320.

Vemos, portanto, que a teoria dos protótipos se aplica perfeitamente ao entendimento da metonímia.

A escolha, entretanto, de qual parte é a mais prototípica de um todo, depende também da maneira como estamos visualizando esse todo, dentro de cada situação concreta. Se precisamos da ajuda de alguém para transportar um móvel pesado, podemos dizer-lhe que estamos precisando da sua *mão* para ajudar a carregá-lo. Mas, se precisamos do seu auxílio para resolver um problema de matemática, diremos que estamos precisando de sua *cabeça* para resolvê-lo. Dizer que precisamos da cabeça de alguém para movimentar uma mesa ou de sua mão para resolver um problema matemático, salvo contextos muito específicos, é navegar na contramão dos processos cognitivos.

É preciso levar em conta, também, o fato de que os processos cognitivos estão estreitamente ligados a fatores históricos e culturais. A palavra *fuzil*, por exemplo, que é a denominação da principal arma de guerra utilizada pelos soldados de infantaria em todo o mundo, tem origem metonímica ligada à ciência e tecnologia do século XVII. Segundo o dicionário Houaiss⁵⁰, essa palavra tinha, primitivamente, no século XIV, apenas o significado de uma peça de metal que era atritada contra uma pedra chamada *pederneira*, para produzir fogo em forma de centelha, com o objetivo de acender fogueiras, lâmpadas de óleo, velas etc. Ocorre que, nos primeiros modelos dessa arma militar, a pólvora e a bala eram carregadas diretamente no cano e o tiro era conseguido pelo acionamento de um gatilho que fazia a tal peça metálica, o *fuzil*, atritar contra uma *pederneira* que produzia a centelha junto a um orifício na culatra, inflamando a pólvora e dando, assim, origem ao disparo da arma. Por metonímia, a arma como um todo passa também a ser denominada de *fuzil*.

Da mesma forma, é muito comum a denominação metonímica de acontecimentos históricos. Por que uma revolução acontecida em Pernambuco, em 1848, foi denominada *praieira*? Porque a sede do jornal liberal *O Diário Novo*, que

⁵⁰ Antônio HOUAISS, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 1410.

propagava as idéias que originaram a revolta ficava na Rua da Praia, no Recife. Temos aí uma metonímia que se configura pela utilização do nome de um local pelo evento acontecido nele. Pelo mesmo processo, provém uma infinidade de denominações como: *batalha de **Waterloo*** (nome de uma região ao sul de Bruxelas), *escândalo de **Watergate*** (edifício onde ficava a sede do partido democrata americano, em Washington), *decisão de **Downing Street*** (residência do primeiro ministro britânico) etc. etc.

Um outro processo de denominação metonímica acontece quando utilizamos o nome de um cientista para denominar uma doença por ele descoberta como *Síndrome de Down*, denominação dada em homenagem a Langdon Down, cientista que pela primeira vez, em 1866, descreveu esse tipo de anomalia genética em crianças.

Funções Discursivas da Metonímia

O uso da metonímia em situações discursivas pode ser mais facilmente compreendido dentro de uma abordagem gestáltica. Originalmente, o conceito de *gestalt* foi desenvolvido por um grupo de psicólogos alemães que estudava os mecanismos da percepção. Segundo eles, dentro de um ambiente repleto de pessoas, não percebemos apenas rostos, cores, movimento. Percebemos o local como um todo, como uma unidade e, a cada momento, selecionamos elementos presentes nesse todo, que sobressaem, enquanto os outros ficam em segundo plano. Essa seleção, segundo Perls⁵¹ é fruto de muitos fatores que podem ser englobados pelo termo *interesse*. Utilizando um exemplo do próprio autor, imaginemos o recinto de uma festa. Os convidados já chegaram e ela está em pleno andamento. Chega um novo convidado que adora bebidas alcoólicas. Para ele, as pessoas presentes, os sofás, mesas, os quadros da parede ficam em segundo plano. O centro de sua atenção será o local onde estão sendo servidas as bebidas. Esse será seu primeiro plano, sua figura. O resto é fundo. No momento em que ele se serve do primeiro drinque, fechará a sua *gestalt*. A

⁵¹ Fritz PERLS, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, p. 18.

seguir, entra outro convidado que ficou de se encontrar com a namorada na festa. Os sofás, as mesas, os quadros, o bar ficam em segundo plano. Ele está procurando o rosto da namorada. No momento em que a vê e se encontra com ela, fecha a sua *gestalt*. Entra mais um convidado. Esse foi apenas "dar uma espiada" na festa. Percorre os grupos, olha o ambiente, ouve a música, mas ainda não manifestou interesse específico por nada. Depois de muito caminhar, acenar para algumas pessoas, sorrir, tomar um drinque, talvez, sente-se cansado. Divisa, ao fundo da sala, um sofá vazio. Dirige-se, então, para lá e senta-se. Fechou aí a sua *gestalt*. O sofá para ele é figura, a festa, fundo. Durante o transcorrer da festa, os convidados alternam primeiros e segundos planos. Eles são intercambiáveis. O rapaz que encontrou sua namorada pode encontrar, logo a seguir, um amigo e puxar uma conversa com ele no bar, enquanto a namorada também conversa com uma amiga. Para esse rapaz, nesse momento, o amigo é figura, o resto, incluindo a namorada, é fundo. Para a garota, nesse momento, a amiga é figura e o resto, incluindo também o namorado, é fundo. Uma *gestalt* é, pois, um modo de configurar partes individuais num todo, destacando, a cada momento, uma delas como figura. A escolha é feita segundo o interesse de um sujeito.

Aplicando esse conceito à metonímia, podemos dizer que se trata de um processo cognitivo que destaca, em um todo, uma parte como figura. No Brasil, por exemplo, costumamos falar de um *restaurante para cem pessoas*, ou de *cem lugares*, privilegiando como figura ora os clientes, ora as cadeiras onde eles se irão sentar. Na Espanha, o costume é dizer um *restaurante de cien cubiertos*, privilegiando como figura os talheres (*cubiertos*) instrumentos que serão utilizados pelos clientes.

Metonímia como recurso estilístico

A função mais estudada da metonímia é a estilística. Na construção de um texto, em um certo momento, o enunciador quer destacar uma parte do referente como figura, fechando

nele a sua *gestalt*. Vejamos o seguinte poema de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra ⁵²:

Soneto de Calabar

*Meu coração tem um sereno jeito,
E as minhas mãos o golpe duro e presto,
De tal maneira que depois de feito,
Desencontrado, eu mesmo me contesto.*

*Se trago as mãos distantes de meu peito,
É que há distância entre intenção e gesto,
E se meu coração nas mãos estreito,
Me assombra a súbita impressão de incesto.*

*Quando me encontro no calor da luta,
Me ostenta a aguda empunhadura à proa,
Mas o meu peito me desabotoa.*

*E se a sentença se revela bruta,
Mais que depressa a mão cega executa,
Pois que senão o coração perdoa.*

Nesse poema, os autores descrevem o conflito interno da personagem Calabar — entre seu sentimento e aquilo que deve fazer — a partir de metonímias. É claro que se trata de uma só pessoa, Calabar, mas, no momento em que se quer dar destaque ao sentimento, *coração* e *peito* assumem a posição de figura e o corpo, como um todo, assume a condição de fundo. No momento em que se quer dar destaque às ações racionais, *mãos*, *empunhadura* assumem a posição de figura, mantendo o corpo em posição de fundo. Os dois últimos versos da segunda estrofe mostram o momento dramático do conflito entre razão e sensibilidade, num momento em que coração e mãos se fundem, em uma única figura:

*E se meu coração nas mãos estreito,
Me assombra a súbita impressão de incesto.*

⁵² Chico Buarque de HOLLANDA & Ruy GUERRA, Calabar: *O elogio da Traição*. (página da Web)

Temos aí, a função estilística da metonímia, procurando passar ao ouvinte / leitor a experiência do conflito interior da personagem.

Metonímia, anáfora e construção da referência

Anáfora é um processo pelo qual retomamos, num texto, um termo já citado anteriormente. Em uma seqüência como:

César conquistou a Gália. Depois disso, *ele* entrou em guerra contra Pompeu.

o pronome *ele*, na segunda frase, retoma o termo *César*. No lugar do pronome podemos utilizar outras estratégias, como o uso de hiperônimos⁵³, como em:

César conquistou a Gália. Depois disso, *o general romano* entrou em guerra contra Pompeu.

Nesses dois casos, dizemos que temos uma anáfora direta, uma vez que o termo da oração subsequente retoma o termo da frase anterior como um todo. Observemos, entretanto, o texto a seguir:

Ontem fui a *um casamento*. *O bolo* estava excelente.

Não é muito difícil perceber que o termo *bolo* está em relação anafórica com o termo *casamento*, da oração anterior. Não se trata mais, contudo, de uma anáfora direta, mas indireta, uma vez que o termo anterior não está sendo retomado como um todo, mas apenas parte dele está sendo retomado, indiretamente. Esse processo anafórico indireto é possível graças ao processo cognitivo da metonímia. Os falantes de português sabem que *bolo de casamento*, *noivos*, *igreja*, *buquê* etc. fazem parte do "frame" de uma festa de casamento e, por isso, podem utilizar qualquer um deles, em uma segunda frase, na confiança de que seu interlocutor saberá

⁵³ Hiperônimo é um sinônimo mais genérico de uma palavra. O hiperônimo de *garfo*, por exemplo, é *talher*, o de *mesa* é *móvel*.

entendê-lo como parte (metonímia) do todo representado pelo termo da oração anterior. Ninguém terá dificuldade, portanto, para interpretar frases como:

Ontem fui a *um casamento*. No final, uma garota ruivinha ficou com o *buquê*.

Ontem fui a *um casamento*. A *igreja* estava com uma decoração branca, toda em arcos.

Um bonito exemplo de Guimarães Rosa é a frase a seguir:

Passarinho que se debruça — o vôo já está pronto.⁵⁴

Não é difícil entender o vôo como parte (metonímia) do “frame” de *passarinho*.

Um outro aspecto da metonímia ligada à anáfora é a possibilidade de, com ela, ir construindo / reconstruindo um referente. Vejamos o seguinte texto:

A meio curso o acelerador empurra o ponteiro do conta-giros a 6 000 rpm. O sopro das duas turbinas preenche a cabine. Equipamento de aferição acionado, a Audi RS4 Avant parte para uma das seis tomadas da prova de aceleração 0 a 100 km/h na pista de Limeira, numa tarde morna de segunda-feira. Os primeiros 20 metros são vencidos em 0,65 segundos ainda em primeira marcha. A segunda é jogada rapidamente quase no ponto de corte da rotação, a 7 000 giros, e mantém o motor cheio. A perua rasga o asfalto como um míssil para atingir, 89,8 metros adiante, os 100 km/h. Terceira e quarta marchas são engrenadas sucessivamente, produzindo um ruído seco, metálico. A passagem do vulto azulado pelos 820 metros, a 200 km/h, é espetacular: sugere um jato em trabalho de decolagem. Fim da reta, os freios são acionados para a tomada da curva. O RS4 mantém-se firme, sob controle, enquanto vai desacelerando até estabilizar nos 80 km/h nos últimos 100 metros de reta.⁵⁵

⁵⁴ João Guimarães ROSA, *Grande Sertão: Veredas*, p. 6.

⁵⁵ QUATRO RODAS, jun. 2002, p. 50

Trata-se do teste de um automóvel feito pela revisa Quatro Rodas. A construção do texto já tem seu início utilizando um processo metonímico. Seu autor privilegia o ponto de vista do motorista, dentro do carro, em que o ato de pressionar o acelerador e o conseqüente movimento do ponteiro do conta-giros constituem a figura e o carro, o fundo. A primeira remissão anafórica retoma a Audi RS4 Avant como *perua*, um hiperônimo e, a seguir a reconstrói, comparativamente, como *um míssil*. A terceira remissão faz uso da metonímia: *A passagem do **vulto azulado** pelos 820 metros, a 200 km/h, é espetacular*. A figura agora é a impressão visual da rapidíssima passagem do automóvel (que era azul). A visão passa a ser a do observador externo. O fundo é a pista de testes, a paisagem dentro da qual o veículo se movimenta. A construção da referência prossegue ainda por comparação, quase uma metáfora, atribuindo ao veículo testado a aparência de *um jato em trabalho de decolagem*.

Um outro exemplo do uso da metonímia no processo de construção da referência pode ser visto no trecho a seguir em que o escritor José Cândido de Carvalho, em sua conhecida obra "O Coronel e o Lobisomem", narra a briga entre o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado e o lobisomem:

Dos olhos do lobisomem pingava labareda, em risco de contaminar de fogo o verdal adjacente. Tanta chispa largava o penitente que um caçador de paca, estando em distância de bom respeito, cuidou que o mato estivesse ardendo. Já nessa altura eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá de cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem. Garrucha engatilhada, só pedia que o assombrado desse franquia de tiro. Sabidão, cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquice que nunca cuidei que um lobisomem pudesse fazer. Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha.⁵⁶

⁵⁶ José Cândido de CARVALHO, *O Coronel e o Lobisomem*, p. 179.

Na última frase desse trecho, a expressão *par de brasas* retoma a referência do lobisomem, reconstruindo-a. Trata-se de uma metáfora de origem metonímica. O lobisomem é retomado por seus olhos, parte do lobisomem que se transforma em figura. Na seqüência desse mesmo texto, o autor reconstrói ainda a referência do lobisomem pela metonímia, em duas situações:

a) *De novo o cachorrão, livre do embaraço, correu atrás de minha poeira. Por desgraça, um sujo de nuvem emporcalhou o luar em sua nascença. Foi quando senti nas partes subalternas **aquele focinho nojento.***⁵⁷

b) *Afrouxei o torniquete e **aquela goela peluda** sem tardança deixou o aro dos meus dedos. Cabeça derreada, olhar já sem brasa de lamparina, mergulhou o penitente na noite dos pastos.*⁵⁸

No primeiro exemplo, a figura passa ser o focinho do lobisomem. No segundo, sua goela peluda.

Metonímia como recurso retórico

Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca⁵⁹, o que diferencia uma figura estilística de uma retórica é justamente sua função. Entende-se como retórica a figura que se explica pelas necessidades da argumentação. Utilizam eles, como exemplo, a célebre expressão *mão invisível*, criada por Adam Smith em seu livro *A Riqueza das Nações*, com o objetivo de convencer os leitores de que, na busca de seus próprios interesses, os indivíduos são conduzidos, por uma mão invisível, a promover um fim que não fazia parte de sua intenção, ou seja, o benefício da sociedade como um todo. Um empresário cujo objetivo é ganhar dinheiro (interesse próprio) acaba dando empregos, colocando no mercado produtos necessários à

⁵⁷ José Cândido de CARVALHO, O Coronel e o Lobisomem, p. 181.

⁵⁸ José Cândido de CARVALHO, O Coronel e o Lobisomem, p. 182.

⁵⁹ Chaïm PERELMAN & Lucie OLBRECHTS-TYTECA, *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, pp. 190-193.

população (benefícios para a sociedade), preservando assim a harmonia entre o interesse individual e o coletivo. Utilizada dessa maneira, com finalidade de convencer e persuadir, qualquer figura ganhará o status de retórica.

Um dos autores em que se podem encontrar exemplos interessantes de figuras retóricas é Nietzsche. Um desses exemplos é a metonímia do olhar, que pretendo descrever a seguir. Como sabemos, o pensador alemão defendia o princípio de que o cristianismo era uma espécie de "platonismo para o povo", religião que refletia o pensamento de escravos, de vencidos que aprendiam a suportar as privações do mundo terrestre, provisório, com a promessa do mundo verdadeiro e autêntico, para além dessa vida. *Forjaram o mito da salvação da alma, porque não possuíam seus próprios corpos; criaram a ficção do pecado, porque não podiam participar das alegrias terrestres e da plena satisfação dos instintos da vida.*⁶⁰

Propõe Nietzsche, "munido de um tocha cuja luz não treme, levar uma claridade intensa aos subterrâneos do ideal", recuperando a vida, transmutando todos os valores do cristianismo. Para isso, contrapõe muitas vezes o ponto de vista do escravo ao ponto de vista dos poderosos. De seu livro *Para além de Bem e Mal*, ponho em destaque os seguintes trechos:

1. O **olhar** [o grifo é meu] do escravo é desfavorável às virtudes do poderoso: ele tem *skepsis*⁶¹ e desconfiança, tem refinamento de desconfiança contra todo o "bom" que é honrado ali — gostaria de persuadir-se de que, ali, a própria felicidade não é genuína. Inversamente, são postas em relevo e banhadas de luz as propriedades que servem para facilitar a existência dos que sofrem: aqui fica em lugar de honra a compaixão, a complacente mão pronta para ajudar, o coração caloroso, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade — : pois estas são aqui as propriedades mais úteis e quase os

⁶⁰ Friedrich NIETZSCHE, *Obras Incompletas*, p. 11.

⁶¹ Essa palavra significa, em grego: percepção pela visão, observação, vigilância. Cf. Bally A. *Dictionnaire Grec français*, pág. 1 758.

*únicos meios para tolerar a pressão da existência. A moral de escravos é essencialmente moral utilitária.*⁶²

2. *Enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer-si a si próprio, a moral de escravos diz não, logo de início, a um "fora", a um "outro" a um "não-mesmo": e esse "não" é seu ato criador. Essa inversão do **olhar** [o grifo é meu] que põe valores — essa direção necessária para fora, em vez de voltar-se para si próprio — pertence justamente, ao ressentimento: a moral de escravos precisa sempre, para surgir, de um mundo oposto e exterior.*⁶³

3. *Os "bem nascidos" sentiam-se, justamente, como os "felizes"; não precisavam construir sua felicidade artificialmente, por um **olhar** [o grifo é meu] a seus inimigos, e, em certas circunstâncias, persuadir-se dela, menti-la a si (como costumam fazer todos os homens do ressentimento).*⁶⁴

Longe de ser apenas um "leitmotif" inconseqüente, a metonímia do olhar tem a função de criar aquilo que em retórica se chama de *presença*. Dizem Perelman & Olbrechts-Tyteca⁶⁵ que *a presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma opção já no nível da percepção. E mais além: Destarte, uma das preocupações do orador será tornar presente, apenas pela magia de seu verbo, o que está efetivamente ausente e que ele considera importante para a sua argumentação.*⁶⁶ Um escravo não pode mover-se livremente, em torno de seu senhor, agir segundo sua vontade. Suas ações devem ser sempre fruto daquilo que lhe é ordenado. Até mesmo mover a cabeça em uma direção inesperada pode tornar-se suspeito e ser motivo de advertência. O único que lhe sobra é direcionar o olhar, de

⁶² Friedrich NIETZSCHE, *Obras Incompletas*, p. 335.

⁶³ Friedrich NIETZSCHE, *Obras Incompletas*, p. 343.

⁶⁴ Friedrich NIETZSCHE, *Obras Incompletas*, p. 344.

⁶⁵ Chaïm PERELMAN & Lucie OLBRECHTS-TYTECA, *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, p. 132.

⁶⁶ Chaïm PERELMAN & Lucie OLBRECHTS-TYTECA, *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, p. 133.

forma oblíqua, fortuita, àquilo que pode constituir-se um interesse próprio. É justamente esse olhar que Nietzsche transforma em figura, metonimicamente, para dar presença ao argumento do ressentimento do escravo, das suas convicções morais, segundo ele, equivocadas.

Definições tautológicas

Um outro curioso recurso retórico fundamentado na metonímia, segundo Gibbs Jr.⁶⁷ é aquele utilizado nas definições tautologias com *mãe é mãe, artistas são artistas, crianças são crianças* etc. Se examinarmos uma dessas definições à luz da teoria de Grice⁶⁸ — *Mãe é mãe*, por exemplo — , veremos que ela contraria, aparentemente, a primeira máxima de quantidade que diz: *faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido.*⁶⁹ Aparentemente, porque o ouvinte dessa frase, acreditando que seu interlocutor pretende ser cooperativo e não tautológico, imediatamente a interpreta a partir daquilo que Grice chama de *implicatura conversacional* que, nesse caso, é construída a partir da metonímia. Digamos que a frase *Mãe é mãe*. seja dita num contexto em que uma mãe, apesar de seu filho não merecer um determinado benefício, concede-o, assim mesmo, com prodigalidade. O ouvinte é levado a interpretar o sentido da segunda ocorrência da palavra *mãe* como parte apenas de tudo aquilo que se convencionou ser os atributos de uma mãe: o amor incondicional pelos filhos. Os outros atributos como: responsabilidade pelo lar, pela nutrição dos filhos, pelo trabalho doméstico etc. etc. ficam em segundo plano, funcionando como fundo. O amor incondicional, metonimicamente, sobressai como figura. A tautologia é, portanto, apenas aparente.

Num outro contexto, em que alguém diz: *crianças são crianças*, diante de um garoto que acaba de derrubar um copo de refrigerante no tapete da sala, o sentido da segunda ocorrência de *crianças* é entendido como o de ser

⁶⁷ Raymond GIBBS JR, *The Poetics of Mind*.

⁶⁸ H. P. GRICE, *Lógica e Conversação*.

⁶⁹ H. P. GRICE, *Lógica e Conversação*, p. 87.

inconseqüente, que sobressai com figura, ficando todas as outras propriedades do termo *criança*, (inocência, ingenuidade, dependência etc.) como fundo.

Metonímia e atos indiretos da fala

Uma outra função da metonímia, segundo Gibbs Jr. é a de atuar nos chamados atos indiretos de fala. Tais atos são utilizados em situações em que um falante quer preservar sua face, diante de uma situação em que faz um pedido, por exemplo. Se ele pede de modo direto, dizendo algo como: — *Por favor, feche a janela.*, arrisca-se a ouvir uma resposta negativa também direta, mas, se pede a mesma coisa de modo indireto, dizendo algo como — *Você teria condições de fechar a janela?*, mesmo que seu interlocutor não a feche, sua resposta geralmente não é negar diretamente o pedido, mas as condições de realizá-lo e o faz por meio de uma resposta como — *Infelizmente, não tenho condições de fechá-la.* Ora, para que o interlocutor feche a janela, há um conjunto de condições necessárias: a) a janela deve estar aberta; b) o falante deve desejar vê-la fechada; c) o interlocutor deve concordar em que a janela deve ser fechada; d) ele deve ter condições físicas de acesso à janela; e) deve haver, entre ele e a pessoa que lhe pede, uma relação de hierarquia ou de amizade que licencie o pedido. No ato indireto de fala, o falante seleciona apenas uma parte dessas condições. No caso do exemplo em tela, a condição d). Poderia, entretanto, utilizar outras partes, como a), dizendo: — *A janela está aberta.* ou b) — *Gostaria que a janela fosse fechada.* e assim por diante. Trata-se, pois de aplicar o princípio cognitivo da metonímia, utilizando uma das condições como figura, ficando as outras como fundo, ou como diz Gibbs Jr.⁷⁰: *In this way, speaking and understanding indirect speech acts involves a kind of metonymic reasoning, where people infer wholes (a series of actions) from a part.*

⁷⁰ Raymond GIBBS JR, *The Poetics of Mind*, p. 352.

Metonímia e amálgama cognitivo

A noção de amálgama cognitivo foi desenvolvida por Breton ⁷¹ para designar o artifício por meio do qual uma determinada característica que não pertence originalmente a um ser é a ele agregada, por um processo de manipulação. Segundo ele:

O uso do amálgama cognitivo é antigo. Ele faz parte dos recursos da língua em que nada nos proíbe sintaticamente de unir artificialmente alguns termos e sugerir uma associação entre eles. A publicidade utiliza, ao menos a partir dos anos 20, esse procedimento.

Um dos exemplos clássicos é o amálgama xenófobo que, nos dias de hoje, é lugar comum na propaganda da extrema direita europeia. Basta dizer, por exemplo, em um jornal, que duas jovens francesas foram estupradas e mortas por um árabe, para que a característica de assassinos e estupradores seja imediatamente associada, por metonímia, aos árabes, em geral.

Um outro exemplo clássico estudado por Breton é a propaganda dos cigarros Marlboro. Filmes e fotos divulgados pela mídia mostram um "cowboy" másculo fumando um cigarro Marlboro e isso leva os consumidores à preferência por essa marca. O amálgama cognitivo é, por assim dizer, a receita mágica de qualquer peça publicitária. Procura-se associar um produto a imagens que representem valores para o consumidor em potencial. Valores como saúde, beleza, juventude, riqueza, status, erotismo, dinamismo, requinte etc. Esses valores, associados metonimicamente a um produto como um todo, são interpretados pelos consumidores como valores do próprio produto. A propaganda de um batom, por exemplo, associa-se, invariavelmente a um rosto jovem e bonito. A de um cartão de crédito, à imagem de um jovem executivo com olhar de felicidade acompanhado de uma bela mulher. O batom é visto, metonimicamente, como parte do todo "mulher jovem, bonita e desejável"; o cartão de crédito, como parte do todo homem jovem, bem sucedido

⁷¹ Philippe BRETON, *A Manipulação da Palavra*, pp. 95-96

financeiramente e amorosamente. A consumidora, ainda que não possua a plástica e a beleza da garota utilizada na propaganda, usa o batom, como se fosse o ponteiro de um mouse, procurando arrastar em sua direção a imagem da modelo, para vesti-la em seu imaginário. Na propaganda, o batom é figura, a mulher bonita é fundo. Quando utiliza o batom, ele, figura, transforma magicamente sua usuária no fundo a que está agregado originalmente na propaganda, ou seja, numa mulher bonita.

Uma das marcas de sucesso mais conhecidas no mundo inteiro é a Coca-cola. O marketing dessa bebida, cuja cor mais parece a de um xarope medicinal (na sua origem era quase isso) consegue vender milhões de unidades a partir de amálgamas cognitivos metonímicos vinculados a valores como juventude, descontração, saúde e bom humor. Talvez poucos saibam que o grande salto para o sucesso dessa bebida aconteceu por uma feliz conjuntura, durante a Segunda Guerra Mundial. O general Eisenhower, comandante em chefe das tropas aliadas na Europa, conseguiu para a Coca-cola exclusividade de fornecimento da bebida para os soldados americanos no teatro de guerra. Além de a bebida trazer a eles o "gosto" da terra natal, havia um outro importante aspecto metonímico agregado: o desenho da garrafa imortalizada por Andy Warhol, reproduzindo a silhueta de um esbelto corpo feminino. Não é difícil imaginar o efeito que isso exercia num soldado longe da pátria e de companhias femininas. Até hoje, essa marca de refrigerante, mesmo acondicionada em latas ou em embalagens plásticas, reproduz, no desenho das embalagens, a figura dessa silhueta. Clarice Lispector, em seu romance, A Hora da Estrela, utiliza a coca-cola, para vincular ao narrador a imagem da contemporaneidade:

O registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. [...] Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque — e vou dizer agora uma coisa difícil que só

*eu entendo — porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela e um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente.*⁷²

Conclusão

O ensaio que acabo de fazer sobre a metonímia transcende em muito, como podemos ver, o campo das figuras estilísticas de linguagem. Achei que seria interessante procurar entendê-la como um processo cognitivo mais abrangente, ultrapassando as fronteiras da própria linguagem, dentro de uma semiótica mais geral. Nesse sentido, sua compreensão acabará sendo útil para entender situações tão diversas como as que nos levam a amar um poema, ser persuadidos por um argumento ou simplesmente comprar uma roupa ou optar por uma marca de refrigerante.

REFERÊNCIAS

BALLY, A.. **Dictionnaire grec français.** Paris: Hachette.1950.

BRETON, Philippe. 1999. **A manipulação da palavra.** São Paulo: Loyola, 1999.

CARVALHO, José Cândido de. **O coronel e o lobisOMEM.** 8. ed. São Paulo: José Olympio. [s. d.]

GIBBS JR. Raymond. **The poetics of mind.** Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

GRICE, H. P. **Lógica e Conversação.** Trad. João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo. (org.) **Problemas, críticas, perspectivas da lingüística.** Campinas, Unicamp. 1982.

HOLLANDA, Chico Buarque & GUERRA, Ruy. **Calabar:** o elogio da traição. Rio: Civilização Brasileira, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

⁷² Clarice LISPECTOR, *A Hora da Estrela*, p. 23.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas seleção de textos de Gérard Lebrun.** Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação:** a nova retórica. Tradução por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

PERLS, Fritz. **A Abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** Tradução por José Sanz. 2. ed. Rio: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A. 1988.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. 30. ed. Rio: Nova Fronteira. 1986.